



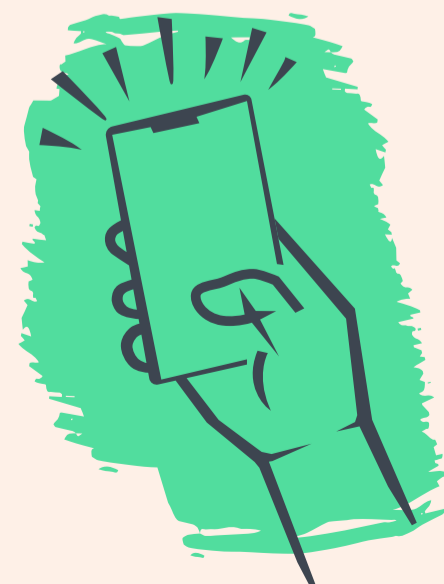
AdUFRJ PEDE SUSPENSÃO DE PORTARIA DO TRABALHO REMOTO. REITORIA ADIA PRAZO DE PROPOSTAS Página 10



15M

EDUCAÇÃO NAS REDES PEŁA VIDA

O Tsunami da Educação voltou. No ano passado, 2 milhões de pessoas foram às ruas de todo o Brasil defender a educação dos ataques do governo Bolsonaro. Este ano, sem o calor das ruas, mas com o vigor das redes, a AdUFRJ e o Observatório do Conhecimento lideram campanha nacional para celebrar um ano do 15M e mostrar que a ciência, definitivamente, salva vidas. A campanha, que teve ações nas redes ao longo de toda a semana e projeções em prédios no Centro do Rio, termina amanhã com um tuitaço. Páginas 2, 3, 4, 5 e 7



EDITORIAL

DEMOCRACIA É PARA CONSTRUIR

DIRETORIA

A pandemia de COVID-19, juntamente com os ataques de 11 de setembro, é o acontecimento definidor do nosso século. O novo coronavírus jogou o mundo inteiro num turbilhão de dor e incerteza mas, desgraçadamente, no Brasil a doença ganhou contornos singulares. A ação deliberada do presidente da República de fazer pouco da crise sanitária e sistematicamente sabotar os esforços para combatê-la colocará brevemente o Brasil no epicentro da pandemia, elevando nossos mortos às dezenas de milhares. A tragédia está anunciada, e infelizmente a passagem pelo vale de lágrimas será longa e árdua.

É nesse contexto que está inserida a universidade pública brasileira. A doença se alastra num ritmo assustador, e muitas pessoas perderam sua principal fonte de renda. O SUS, potente quanto seja, caminha para o seu limite, e o confinamento já começa a cobrar o seu preço psicológico devastador. No meio de toda essa tormenta, a sociedade naturalmente olha para suas universidades e cobra (no bom e no mau sentido) algumas respostas. E, como servidores públicos, é nosso dever provê-las.

Desde logo, é imperativo afirmar que a autonomia universitária, tão importante para o nosso objetivo de expandir e provocar os saberes constituídos, não pode ser usada como desculpa para o imobilismo. O teletrabalho - seja nas suas modalidades de ensino a distância, de ensino remoto emergencial, de regime de escala etc - não é o inimigo. Os efeitos da pandemia podem ainda reverberar por anos, e a nossa principal função agora é justamente imaginar e viabilizar o funcionamento da universidade nessa nova realidade. Se há a possibilidade tecnológica

A nossa tarefa está posta: imaginar e participar do Brasil durante e após a pandemia. Temos uma pujança intelectual enorme para fazê-lo, mas temos que transformar esse potencial gigante em ação

de continuar algumas atividades remotamente (reuniões de grupo, seminários, congregações, etc), isso deve ser feito. Se o prosseguimento das aulas propriamente ditas é mais difícil, seja pela precariedade do acesso a internet de qualidade, seja pela falta de uma plataforma adequada, é então mister que encontremos alternativas. Se essas soluções se darão por uma mistura de atividades síncronas e assíncronas, ou por uma mescla de ações presenciais e remotas, ou por ideias ainda mais criativas, isso é algo que a comunidade universitária deve, democraticamente, construir. O que não pode acontecer, jamais, é o uso demagógico dos procedimentos democráticos para tergiversar e inviabilizar o debate.

A nossa tarefa está posta: imaginar e participar do Brasil durante e após a pandemia. Temos uma pujança intelectual enorme para fazê-lo, mas temos que transformar esse potencial gigante em ação. É nossa obrigação.

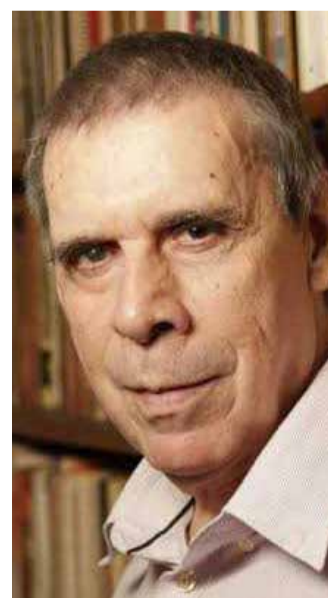


NÃO VAMOS ESQUECER. UMA VIDA VALE TODAS AS VIDAS



JOÃO SOARES DE LIMA

■ O luto da UFJR não cessa. No dia 9 de maio, a Covid-19 levou o professor João Soares de Lima. Professor de Letras, da Faculdade de Letras, ele deixou gerações de alunos, ex-alunos e colegas órfãos. Poucos dias antes de falecer, o mestre divulgou um poema de Paulo Mendes de Campos nas redes. "Não consigo entender / O tempo / A morte / Teu olhar / O tempo é muito comprido / A morte não tem sentido / Teu olhar me põe perdido / (...) / Muito medo tenho / Do tempo / Da morte / De teu olhar / O tempo levanta o muro. / A morte será o escuro? / Em teu olhar me procuro."



SÉRGIO SANT'ANNA

■ No dia seguinte, 10 de maio, mais uma triste perda para a universidade e o país. Morreu vitimado pelo novo coronavírus o professor Sérgio Sant'anna, grande nome da cultura brasileira. O docente, que atuou na Escola de Comunicação entre 1977 e 1990, ganhou destaque na cena literária com contos, poesias e romances. Ao longo de cinco décadas, ganhou três prêmios Jabuti entre outros de grande prestígio. Seu último livro de contos foi lançado em 2017. "Anjo Noturno" foi aclamado pela crítica e premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes.



CAROLINA BARROS PATROCÍNIO

■ Estudante do Colégio Pedro II e moradora de Piabetá, o sonho de Carolina era se tornar médica. Com muitas renúncias e obstáculos, Carol, como era conhecida, conseguiu se formar pela UFJR em 2019. Pediatra querida por colegas, ex-professores e pacientes, ela atuava na maternidade do Hospital Municipal Vereador Hugo Braga, em Magé. A morte precoce, aos 25 anos, aconteceu no dia do Enfermeiro, 12 de maio. Nas redes sociais, homenagens emocionadas à jovem profissional que perdeu a vida na linha de frente da Covid-19.

FOTOS: REPRODUÇÃO

Artigo

JOSUÉ MEDEIROS

Professor do departamento de Ciência Política e diretor da AdUFRJ

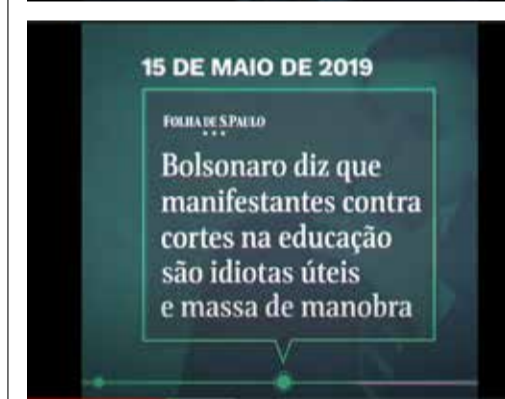
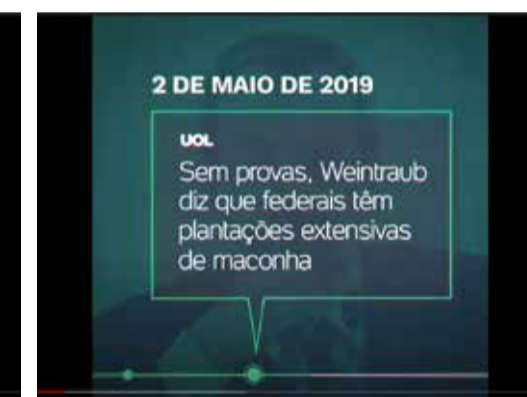


15 DE MAIO DE 2020: EDUCAÇÃO EM DEFESA DA VIDA E DA SOLIDARIEDADE E DA ESPERANÇA

Em 15 de maio celebraremos um ano das grandiosas manifestações do 15M de 2019, quando docentes, estudantes e técnico-administrativos das universidades foram às ruas se encontrar com alunos e professores do ensino médio, com pais e familiares, com toda a diversidade da nossa sociedade para dizer não aos ataques de Bolsonaro e Weintraub, o ministro da balbúrdia, o pior ministro da história. Para marcar a data, lançamos pelo Observatório do Conhecimento uma semana de mobilização desde o dia 11 de maio. Colocamos no ar um vídeo de denúncia contra os ataques do governo, outro mostrando um pouco do que a universidade vem fazendo para combater a pandemia e um terceiro mostrando os pesquisadores em ação; inundamos as redes sociais com depoimentos dos professores e estudantes relatando que #MinhaBalbúrdia é ajudar a salvar vidas de algum modo; fizemos projeções pelo Rio de Janeiro defendendo o adiamento do ENEM e convocando para um tuitaço às 14h do dia 15 com a hashtag #EducaçãoPelaVida e um pannelaço às 20h30, em defesa da Educação.

O interessante é que, por coincidência, na mesma data completaremos dois meses de suspensão das atividades presenciais e de quarentena produtiva na nossa UFJR, iniciada em 16 de março. Vivemos nesse começo de 2020 alguns dos dias mais difíceis dos cem anos de história da nossa universidade. É muito doloroso ver o número de mortos pela Covid-19 crescer exponencialmente no Brasil como um todo e no Rio de Janeiro, em particular. Sofremos ainda mais por saber que muitas destas mortes eram evitáveis se tivéssemos uma democracia em funcionamento e não um governo da morte com Bolsonaro à frente da República. O presidente sabota todas as tentativas de mitigar o impacto do novo coronavírus. Pior, debocha sistematicamente de quem tenta fazer diferente.

Apesar disso tudo, foram dias de muita solidariedade e esperança. A UFJR - e as universidades públicas e institutos de pesquisa do país - se lançaram no combate à pandemia sem hesitar um segundo. Toda a energia



criativa e a capacidade de produção do conhecimento do nosso jovem e, apesar de tão atacado, forte sistema científico foram direcionadas para diminuir as dores da sociedade causadas por essa doença tão brutal.

Fizemos respiradores, álcool gel, testes rápidos; agimos para fortalecer os Hospitais Universitários com novas UTIs e apoiar ao Sistema Único de Saúde em sua integralidade; organizamos triagens e recebimento dos pacientes para adiar o colapso do SUS; elaboramos modelos matemáticos e estatísticos que subsidiaram as autoridades para tomar decisões de isolamento social, quarentena, remane-

jamento de recursos etc.

Os esforços da comunidade científica contra a Covid-19 não ficaram restritos às áreas da saúde e tecnológica. Todas as Humanidades se mobilizaram imediatamente, organizando redes de solidariedade e acolhimento que envolvem a assistência social para os mais pobres; o enfrentamento dos problemas de urbanização das favelas e periferias; a criação de processos de escuta que recolhem os traumas psicológicos e as memórias afetadas pela pandemia; as demandas políticas; e a articulação de processos formativos e educativos para que toda a sociedade se apodere do conhecimento que salva vidas.

Nós, da AdUFRJ, nos alimentamos dessa energia desde o primeiro dia da suspensão de aulas e iniciamos um processo de mobilização política para fazer da nossa associação um pequeno elo dessa corrente de solidariedade e esperança: nos engajamos nas redes de doações para os setores mais vulneráveis fora e dentro da nossa comunidade; nos articulamos com SINTUFRJ, DCE e ATTUFRJ para articular uma ação solidária unitária e assim nasceu o FORMAS; convocamos o Conselho de Representantes semanalmente em março e abril para enraizar nossas decisões e ações com reuniões mobilizadas e enriquecidas pela presença dos dirigentes da universidade - estiveram conosco a reitoria Denise de Carva-

lho, o vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha, o pró-reitor Eduardo Raupp, a pró-reitora Ivana Bentes, a pró-reitora Luzia Araújo; e realizamos rodas de conversa virtuais sobre temas gerais nos encontros do "Tamo Junto", sempre às sextas, e que viraram referência para fechar a semana com afeto e bate papo qualificado. Conversamos com a ex-presidente da entidade e atual coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, Tatiana Roque, sobre a Renda Universal; com a ex-vice-presidente da associação e sanitarista Lígia Bahia sobre o SUS e pandemia; com a ex-diretora da AdUFRJ e historiadora Maria Paula Araújo sobre como derrotar o fascismo, entre outras conversas que valem a pena. Em paralelo, mantivemos nossas articulações com outras associações docentes do Brasil no Observatório do Conhecimento. Primeiro com o tuitaço em 7 de abril, com o objetivo de pressionar Abraham Weintraub como o #PiorMinistro da História (chegamos a ser o segundo assunto mais comentado do Brasil) e, agora, a campanha do 15M.

Junte-se a nós nessa mobilização! Na sexta, vá para as redes às 14h tuitar conosco que a Educação no Brasil se mobiliza pelas vidas contra o governo da morte de Bolsonaro! Às 20h30, vamos todas e todos às janelas fazer barulho contra o ministro e em defesa da universidade e do conhecimento.

WEINTRAUB: O PIOR MINISTRO DA HISTÓRIA

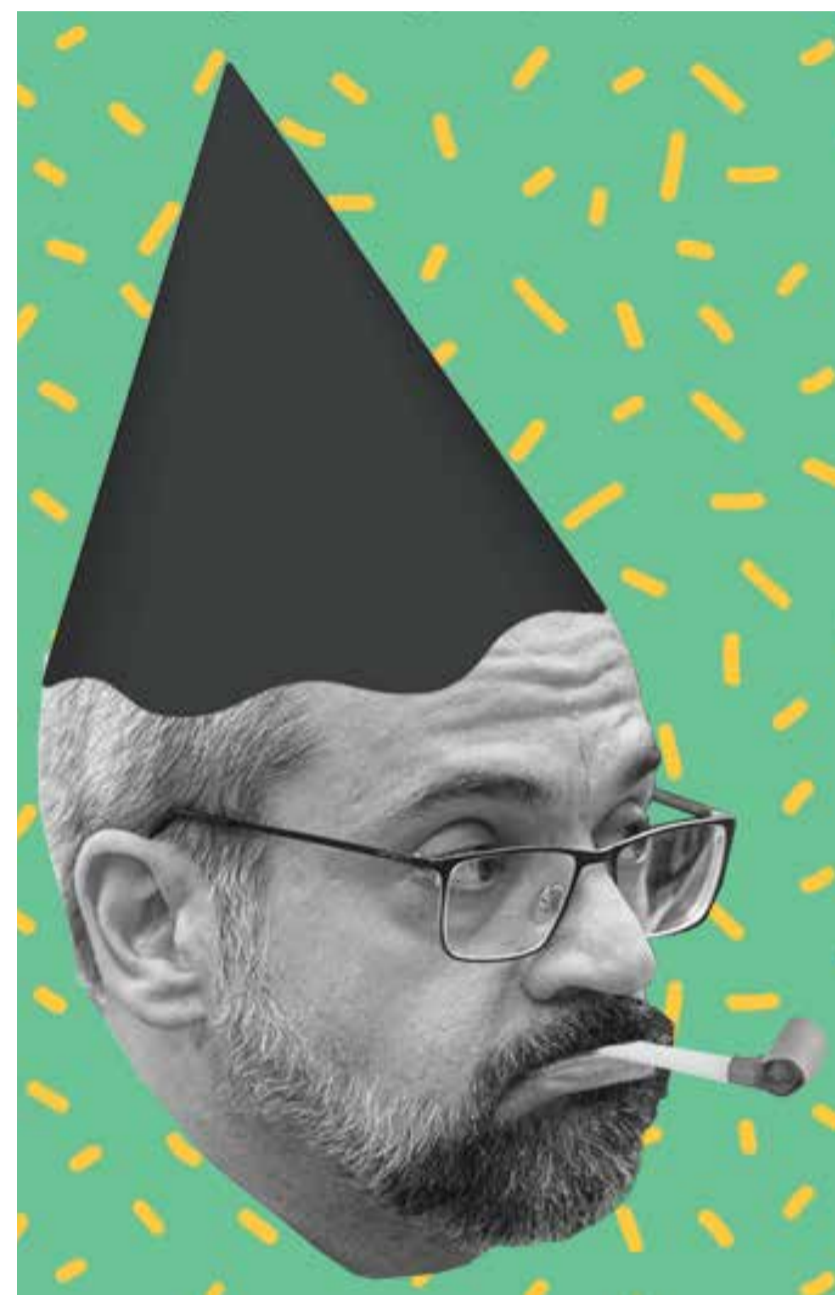
KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

Uma triste unanimidade. Abraham Weintraub é o pior ministro da história do MEC, segundo especialistas em Educação. E não são poucas as razões para o título: currículo acadêmico fraco, incapacidade política e administrativa, desrespeito com educadores e estudantes e o ímpeto para destruir avanços no setor marcam a gestão de forma decisiva.

Professor Titular da Faculdade de Educação da UFMG, Luciano Mendes diz não haver dúvidas sobre a classificação do ministro quanto à formação acadêmica: “Do ponto de vista do preparo, é o mais incompetente que já tivemos”, afirma. O docente observa que o ministério já foi comandado por pessoas que não eram consideradas grandes intelectuais. “Mas tinham alguma visão, mesmo que por uma perspectiva regressiva da presença do Estado, como o Paulo Renato (ministro na gestão de Fernando Henrique Cardoso)”.

O MEC de Bolsonaro não quer construir nada. Pelo contrário, a proposta é destruir. Luciano faz questão de mencionar o antecessor de Weintraub na pasta, o nada saudoso Ricardo Vélez, que ficou pouco mais de três meses no cargo. “Vélez investiu contra educação no campo, contra educação de indígenas e de quilombolas, mas preservava a universidade. Weintraub tem dirigido seu arsenal contra a universidade”, explica.

O professor deixa claro que a dupla Vélez e Weintraub choca pelo ímpeto destrutivo, pois agora há conquistas que podem ser eliminadas. E que não existiam em tempos autoritários, como a expansão do ensino superior, políticas de reconhecimento da diversidade, tentativas de construir escolas sem racismo e sexismo. “Talvez seja a primeira vez que temos políticas de Estado que visam à destruição; não à construção”, afirma.



Outro ponto abordado pelo Titular da UFMG é a ação política do ministro. “Lembra dele com o guarda-chuva (quando falou que choviam fake news no MEC)? Aquilo é claramente encaenado para obter um determinado resultado midiático. A espetacularização da política não

tiam em tempos autoritários, como a expansão do ensino superior, políticas de reconhecimento da diversidade, tentativas de construir escolas sem racismo e sexismo. “Talvez seja a primeira vez que temos políticas de Estado que visam à destruição; não à construção”, afirma.

MINISTRO TUITEIRO

Essa estratégia de “governar pelo ódio”, destruindo políticas e apresentando poucas alternativas, fica evidente na presença do ministro do Twitter. Levantamento exclusivo realizado pelo **Jornal da AdUFRJ** mostra que, em nove meses, de 24 de abril de 2019 a 24 de janeiro de 2020, o ministro da Educação postou 3.149 tuítes. Em média, foram mais de 11 tuítes por dia,

sendo 80% deles em dias úteis, quando o titular da Educação deveria estar se dedicando às complexas tarefas da pasta. Há mais citações à oposição política do que à ciência e à pesquisa. A palavra cientista não aparece uma única vez. Já as menções ao chefe Bolsonaro e a seus herdeiros são frequentes. Mais de 80 vezes.

Maria Luiza Süssekind, 1ª secretária da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), destaca que Weintraub surpreende pela “própria incompetência de não realizar aquilo a que se propõe”. E cita iniciativas frustradas como *homeschooling* (ensino domiciliar), educação fonética e o Future-se, programa lançado para apoiar as universidades federais. “O Future-se é um imenso fracasso. Não saiu do papel, não gerou um real de financiamento para nenhuma universidade”.

O Enem do governo Bolsonaro não podia ficar de fora da lista de desastres. “Ele anunciou o melhor Enem de todos os tempos e fez o pior. Caso cometa o absurdo de manter o Enem para as datas atuais, fará os dois piores Enem da história”, avalia Maria Luiza. “Será o Enem da desigualdade”, completa.

O desrespeito de Weintraub com ícones da Educação, como Paulo Freire, além de professores e alunos foi lembrado pela professora, que leciona no Departamento de Didática da UniRio. “Estamos sob um governo que entende a Educação como campo de batalha. É muito grave que o ministro perca tempo fazendo propaganda no Twitter, batendo boca com estudantes, acusando indevidamente as universidades”, alerta.

Maria Luiza também chama atenção para a falta de diálogo da pasta. A Anped, com mais de 40 anos de conhecimento acumulado no campo da Educação, era

regularmente convidada ao MEC para opinar sobre mudanças nas políticas educacionais. “Agora, sequer nossos ofícios são respondidos”, diz.

Diretor da AdUFRJ, o professor Felipe Rosa recorda que o Observatório do Conhecimento — rede de 11 associações e sindicatos de docentes em defesa da universidade pública — concedeu o título de pior ministro da História para Abraham Weintraub quando o titular do MEC completou um ano na pasta, em 9 de abril. A hashtag #PiorMinistroDaHistoria chegou a ficar em segundo lugar entre os assuntos mais comentados do país no Twitter.

O título de pior ministro da história está fortemente conectado com o 15 de maio do ano passado. “O 15M de 2019 pegou fogo quando o ministro começou a acusar as universidades de fazer ‘balbúrdia’. Ele tinha acabado de subir ao poder. E sabia que as universidades não fazem balbúrdia. Estamos vendo isso claramente na pandemia”, critica. “Ele promove uma ideologia da Educação absolutamente maluca. E isso compromete muito o trabalho”, avalia Felipe. “Além disso, ele é muito ruim na parte técnica. A articulação dele com o Congresso é péssima. O destino do malfadado Future-se mostrou-se um fracasso, não somente porque o projeto era ruim, mas por que ele é um desastre na tentativa de construir algo politicamente”.

A “cereja do bolo” para a caracterização do ministro é a falta de decoro no exercício do cargo, até para tratar de temas alheios ao MEC. “Nem de Educação ele entende, quanto mais do resto. Tivemos o episódio lamentável do ataque à China”, diz. “Ele não consegue resistir ao ímpeto de ficar tuitando o tempo todo. O perfil dele é uma coletânea de ofensas e brincadeiras de mau gosto”, lamenta.



UNIVERSIDADES MOSTRAM FORÇA NO COMBATE À PANDEMIA

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

As universidades públicas brasileiras estão dando um show de competência e comprometimento social no combate ao corona-

vírus. A Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) realizou uma pesquisa para medir o impacto das ações da comunidade acadêmica em relação ao surto de Covid-19. Os números impressionam e mostram que os pesquisadores não estão parados. Ao contrário, a suspensão das atividades presenciais de ensino e extensão abriu espaço para a realização de ações voltadas à pandemia. Foram produzidos 992,8 mil litros de álcool em gel; 912 mil litros de álcool líquido; 162,9 mil protetores faciais; 85 mil máscaras; 692 campanhas educativas; 341 ações solidárias junto a favelas e periferias.

Há, ainda, 823 pesquisas em andamento com diferentes focos de atuação: estudo do genoma do vírus; estudo de medicamentos já existentes para o tratamento da Covid-19; desenvolvimento de vacina; elaboração de testes mais baratos e rápidos; criação de modelos de respiradores mais baratos; realização de testes moleculares, entre outros. Participaram deste primeiro levantamento 46 universidades federais, dentre as quais a UFRJ.

Os hospitais universitários também colaboram para desafogar o SUS. Até o momento, foram disponibilizados 489 leitos de UTI e 2.228 leitos de enfermaria para o tratamento da doença. “É fundamental a integração dos hospitais universitários ao SUS, porque somos um sistema de alta complexidade, que trata de doenças importantes que não deixam de existir na pandemia. Além de



VENTILADOR PULMONAR desenvolvido por pesquisadores da Coppe será testado em pacientes do Hospital Universitário

atuar com leitos específicos, há este público que não pode deixar de ser atendido”, pontuou o reitor Antonio Claudio da Nóbrega, da UFF.

Os dados foram apresentados durante coletiva de imprensa virtual da Andifes, dia 11. A reitora da federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Lucia Pellanda, afirmou que as informações são uma mostra de como os pesquisadores brasileiros estão organizados. “As ações destacam o protagonismo das universidades federais e mostram a importância do investimento em pesquisa a longo prazo”.

Algumas das iniciativas contaram com apoio da Secretaria de Ensino Superior do MEC, por meio de chamada pública que destinou R\$ 180 milhões para pesquisas sobre a Covid-19. Apesar do incentivo pontual, a realidade das instituições é de descaço e corte de verbas. “Teríamos um conjunto de medidas muito mais robusto, se não houvesse um dé-

ficit de investimentos”, afirmou João Carlos Salles, presidente da Andifes e reitor da UFBA.

Diante da falta de testes, também tem sido papel da academia conhecer a real curva de contágio do coronavírus no Brasil. “As informações epidemiológicas são dependentes de testagens. Por isso, muitas universidades estão mobilizadas para entendermos o real impacto da pandemia para pensarmos em cenários futuros”, explicou o reitor Antonio Claudio da Nóbrega.

Entre esses cenários, estaria o retorno às atividades presenciais. “Todos os indicadores mostram que ainda estamos longe disso, mas a Andifes precisa se antecipar para propor condições de retorno à normalidade com segurança, considerando todas as particularidades regionais e com base na ciência”, afirmou o dirigente.

UFRJ EM MÚLTIPLAS FRENTE
A UFRJ é um dos espelhos mais

fiéis do levantamento feito pela Andifes. A universidade se dividiu em ações em todas as frentes apresentadas pela associação de reitores. Uma verdadeira linha de produção foi montada em laboratórios da Coppe, da Escola Politécnica e do CCS para produção de equipamentos de proteção individual, álcool 70° e respiradores.

“Os primeiros respiradores já estão sendo testados com sucesso e aguardam autorização da Anvisa para testes em humanos”, revelou a reitora Denise Pires de Carvalho. Os equipamentos foram desenvolvidos por pesquisadores do Programa de Engenharia Biomédica da Coppe e serão testados em pacientes do Hospital Clementino Fraga Filho. Na semana passada, deputados estaduais aprovaram a destinação de R\$ 5 milhões para a UFRJ aplicar na fabricação de mil respiradores. Também saiu da Coppe um modelo para prever o pico da

doença no Brasil. O trabalho introduz casos não confirmados e avalia os impactos de diferentes intervenções de saúde pública. O estudo foi publicado no site MedRxiv, no final de março, e será publicado em número especial da revista *Biology*, neste mês de maio.

Outros laboratórios atuam desenvolvendo tipos de testes sorológicos rápidos de baixo custo para diagnóstico da Covid-19. Os testes moleculares — aqueles que utilizam amostras das vias aéreas do indivíduo — são realizados pelo Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia. “Desde o dia 16 de março, nós realizamos mais de 3 mil exames em profissionais da área de saúde. E nosso hospital está dividido em duas áreas: Covid e não-Covid. Nosso gargalo no momento ainda é a contratação de novos profissionais, mas acredito que em até duas semanas teremos todos os leitos abertos”, esclareceu Denise.

TUÍTES DO MAL



30/05
Mais uma #Fake News. Agora, sobre o contingenciamento de verbas no Museu Nacional, do Rio de Janeiro. Descubra a verdade!
<https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1134072894567456768>



Sem a leveza de Gene Kelly, o ministro faz um vídeo ao som do clássico "Cantando na chuva" para atacar a UFRJ na recuperação do Museu Nacional.

20/07
Sem mais comentários (apenas que a música é boa e é do meu tempo...)
<https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1152646967794831360>



Mais um deboche. Ministro cita um tuíte do movimento de alunos conservadores da UFF em que manifestantes são agredidos pela polícia ao som de "Sweet Dreams".

01/08
Mural em frente ao MEC. É ou não é feio de doer?



Às 15h19 de uma quinta-feira, o ministro ataca o patrono da Educação brasileira. Weintraub despreza a vida e a obra de um dos autores mais respeitados da Pedagogia mundial.

30/10
Vejam os donos das organizações globos: os três irmãos marinho. Será que uma investigação profunda desta família, da vida de suas esposas (qual profissão tinham antes do casamento), dos filhos, de quem frequenta a casa deles, mostraria um mar de virtudes?



Mais uma grosseria de Weintraub, desta vez contra a imprensa.

#ADIAENEM: ALUNOS E DOCENTES QUEREM NOVO CALENDÁRIO

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Falta o mínimo de bom senso ao ministro Abraham Weintraub. Em meio à pandemia do coronavírus, o titular do MEC insiste em manter a aplicação das provas impressas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para os dias 1 e 8 de novembro, como se nada de anormal estivesse ocorrendo no mundo.

A inexplicável teimosia contraria a avaliação de reitores, professores, movimentos estudantis e especialistas da área. O mais recente movimento favorável ao adiamento do Enem partiu da Associação de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que publicou nota no dia 14. O texto defende um exame “com concorrência democrática”. Antes disso, dia 11, a Secretaria de Controle Externo da Educação do Tribunal de Contas da União emitiu parecer técnico contra a manutenção das datas atuais. Segundo o documento, a atitude viola a igualdade de condições entre candidatos e a garantia de acesso à universidade. “Não podemos ter um calendário que aprofunde as desigualdades”, opinou o presidente da associação de reitores (Andifes), João Salles, durante uma coletiva de imprensa realizada na mesma data, antes da manifestação do TCU. O dirigente da UFBA afirmou que “no momento em que houver condições para o retorno à normalidade nas universidades, os calendários serão reformulados”. E que nada impede fazer ações e eventos de 2020 em 2021. “Precisamos considerar que ano letivo não coincide com ano civil”, enfatizou. As instituições do Rio de Janeiro assumiram protagonismo sobre a suspensão do Enem. Na sexta-feira (9), a UFRJ e demais universidades do estado (federais e estaduais), institutos, Cefet e Colégio Pedro II publicaram nota conjunta criticando “qualquer tentativa de difundir uma sensação de normalidade de falseada, como a manutenção do cronograma do Enem 2020”, diante da pandemia. A reitora Denise Pires reforçou a mensagem no início desta semana. “Somos favoráveis ao adiamento do Enem”, disse em vídeo divulgado nas redes sociais. “A enorme maioria dos estudantes não teve os con-



Cap INICIOU campanha pelo adiamento do Exame. Instituições do Rio lançaram manifesto



MARCO FERNANDES (COORDCOM/UFRJ)

teúdos do ensino médio. Esses alunos serão prejudicados sem o adiamento”, justificou. Em um debate virtual com o reitor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Rafael Almada, também no dia 11, a reitora da UFRJ acrescentou que considera muito importante que outros estados se posicionem em favor da saúde e da segurança dos candidatos. “É dramática nossa situação no Rio de Janeiro, mas também em todo o Brasil”, destacou, fazendo referência ao elevado número de casos e de mortes pela Covid-19.

Para piorar as perspectivas dos estudantes e demonstrar a inépcia do MEC em articular o exame nacional, há ainda a coincidência de datas. O Enem digital, que será realizado em um modelo piloto pela primeira vez neste ano para 100 mil candidatos, coincide com as provas de dois dos principais vestibulares do estado de São Paulo: a primeira fase da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), no dia 22 de novembro, e a primeira fase da Fuvest, que seleciona para a USP (Universidade de São Paulo), no dia 29 de novembro.

ESPECIALISTAS E MOVIMENTOS DEFENDEM O ADIAMENTO

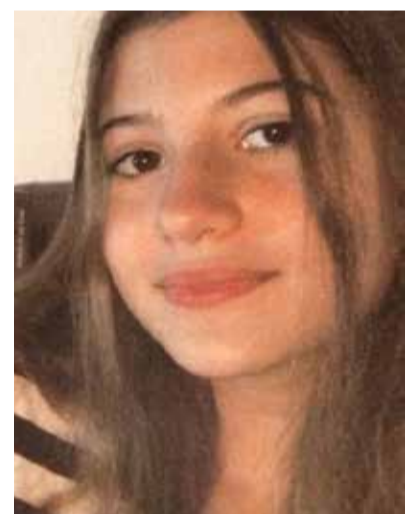
Para o coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara, o impacto negativo da pandemia sobre o aprendizado escolar é um fato, apesar das iniciativas para minimizar danos. Vencedor do Prêmio Darcy Ribeiro 2015, o professor da Faculdade de Educação da USP cita estresse, esgotamento e baixo rendimento, mesmo entre os que têm acesso a opções de ensino a distância. Sobre o Enem, Cara argumenta que a manutenção do calendário “é cruel e prejudica, demasiadamente, os estudantes de escolas públicas”. O docente sustenta que “não há saúde mental para fazer a inscrição e responder às provas. Tampouco



“A enorme maioria dos estudantes não teve os conteúdos do ensino médio. Esses alunos serão prejudicados sem o adiamento”

DENISE PIRES DE CARVALHO
Reitora da UFRJ

condições de aprendizado, em um ano letivo já prejudicado”. As entidades estudantis encamparam o adiamento das provas. A União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) entraram com um mandado de segurança no Superior Tribunal de Justiça (STJ), no dia 11. “Sem as atividades de sala de aula das escolas, faltam as condições básicas de estudo. So-



“Aqui em casa, não tem wifi. Eu roteiro do celular para o laptop. E o meu plano é dividido com meus avós”

GIULIA VIEGAS
Aluna do Colégio de Aplicação

brevido, para o jovem mais desfavorecido. A maioria não tem computador e internet suficiente em casa para acompanhar as aulas a distância”, resume Iago Montalvão, presidente da UNE. De acordo com o universitário, os estudantes cobram do MEC a constituição de um Comitê especial, com representações docente e discente para elaboração de um calendário alternativo. A experiência da rede básica do Rio de Janeiro confirma as

análises pessimistas. O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação tirou posição de apoio à campanha #AdiaEnem dos estudantes. “O que estamos vendo, a partir da proposta do ensino a distância para a rede estadual, é que menos de 30% dos estudantes acessaram alguma vez a plataforma. Turmas inteiras de 40 alunos não tiveram qualquer acesso. Em regiões como o Complexo da Maré, o Google Classroom e afins são completamente irreais”, relata a diretora do sindicato, Maria Eduarda Queiroga. A professora fala ainda sobre a perda de docentes. “A alternativa tem sido a distribuição de apostilas nas escolas. E, infelizmente, o maior número de mortes por coronavírus ocorre exatamente entre diretores e diretores escolares, que estão fazendo esse trabalho. O site do sindicato parece um obituário”, lamentou.

ESTUDANTE COMPARTILHA DIFICULDADES E MEDOS

Aluna do terceiro ano do Colégio de Aplicação (CAP), Giulia Viegas tenta manter o foco no objetivo de conquistar uma vaga na universidade. E nem sempre é bem sucedida. “É complicado. A gente vai falando com os amigos, mas é tudo muito surreal e confuso. Conheço gente que fechou conta no Instagram, porque não se adaptou a aulas (de cursinhos) pela internet e não quer ficar vendo publicação de quem conseguiu”, explica. A capiana conta que o segundo mês de isolamento está rendendo mais que o primeiro. Porém, emperrou nas limitações de estrutura. “Esse mês, eu comecei a estudar mais em casa. Mas tive que dar uma segurada por causa da internet”, relata. “Aqui em casa, não tem wifi. Eu roteiro do celular para o laptop. E o meu plano é dividido com meus avós. Tive que reduzir para não deixar o pessoal sem”. Para a jovem, o adiamento do Enem seria o mais justo. Ela diz que mesmo antes da pandemia, apenas uma parte dos alunos realizava atividades em casa com auxílio de equipamentos eletrônicos. “Sempre tinha gente que pedia para os professores trazerem as folhas de exercícios impressas. Agora vai ficar muito pior para essa galera”, exemplifica.

O CAP da UFRJ suspendeu as aulas, assim como as demais unidades da universidade. Mas construiu uma plataforma online com diversas atividades não curriculares para manter o vínculo com a comunidade escolar. A campanha pelo adiamento do Enem está nela, desde o anúncio de manutenção do cronograma pelo Ministério da Educação. “O Enem, por si, já gera muita pressão sobre os alunos. São adolescentes, estão passando por muitas mudanças. E tem que tomar muitas decisões importantes para o próprio futuro”, analisa a diretora do CAP, professora Maria de Fátima Galvão. “E, ainda por cima, estão enfrentando uma pandemia. Alguns com parentes doentes ou falecidos. Com esse calendário, não há a menor condição”.



15MEMÓRIA

PESQUISA E TEXTO: KELVIN MELO E LIZ MOTA ALMEIDA FOTOS: ALESSANDRO COSTA
comunica@adufjr.org.br

“Balbúrdia é não investir na Educação”. O cartaz de um anônimo estudante no meio da avenida Presidente Vargas resumiu a indignação que levou milhões de pessoas às ruas de todo o país em 15 de maio de 2019. A maior manifestação enfrentada pelo governo Bolsonaro foi uma resposta aos cortes no setor e às malcriadas declarações do pior ministro da história, Abraham Weintraub. O titular do MEC usava o termo para atacar de forma injusta a produção de conhecimento desenvolvida nas universidades.

Nas redes sociais, a adesão também foi gigantesca: a hashtag #TsunamiDaEducação chegou ao primeiro lugar do ranking mundial do Twitter, por algumas horas. A Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas registrou 799,5 mil postagens com este marcador entre o meio-dia da véspera (14) e 16h do dia seguinte. No mesmo período, a hashtag #15m apareceu em 243,5 mil postagens; e #todospelaeducação, em 232,7 mil postagens. Nos meios virtuais, o protesto ganhou ainda mais fôlego após Bolsonaro chamar os manifestantes de “idiotas úteis”.

No Rio de Janeiro, nem a chuva que caiu na cidade espantou a animada participação de educadores, estudantes e trabalhadores de outros setores. A UFRJ concentrou suas atividades na Praça XV, no início da tarde. Organizado pela AdUFRJ, o evento reuniu 15 mil pessoas das mais diversas áreas do saber. Houve ações culturais, divulgação de pesquisas científicas e aulas públicas. UniRio, Rural, Cefet e PUC também realizaram exposições no local. “Estamos aqui porque precisamos que a sociedade nos conheça e nos ajude a defender a educação”, observou, na ocasião, o professor Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ.

O 15M foi encerrado com uma passeata unificada com outros setores de trabalhadores e estudantes. Não dava para enxergar onde terminava a multidão, que cantou, ergueu cartazes, fez coreografias com os braços e acionou os flashes dos celulares. Tudo isso para mostrar ao governo que não ficará sem reação qualquer ataque à Educação.



ADUFRJ NA QUARENTENA

CONSELHO DE REPRESENTANTES

DOCENTES CRITICAM PORTARIA QUE ORGANIZA TRABALHO REMOTO

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

EDITADA para regular o trabalho remoto dos professores e técnicos da UFRJ, a portaria nº 3.188 da reitoria repercutiu muito mal no Conselho de Representantes da AdUFRJ realizado no dia 11. Incertezas quanto às regras, preocupação com a confidencialidade de dados e possível sobrecarga de trabalho, além de críticas à elaboração e divulgação do documento, marcaram a reunião virtual. A associação docente e o Sintufrj solicitaram a revisão completa da portaria no Conselho Universitário, realizado de forma virtual nesta quinta-feira, 14 – leia mais na página 10. “Há uma insatisfação generalizada, principalmente em relação ao excessivo número de

formulários e exigências que não existem em períodos de normalidade” avaliou a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller. De acordo com a docente, as tensões na universidade poderiam ser reduzidas, se ao menos os decanos e os sindicatos tivessem sido consultados previamente sobre temas desta natureza.

Durante o debate, a professora Luciana Boiteux, da Faculdade Nacional de Direito, observou que a portaria é confusa e sobrecarrega os docentes, ao cobrar a elaboração de planos de trabalho e preenchimento de relatórios. Também criticou o fato de a legislação não ter sido discutida no Consuni. “A portaria é um cheque em branco que não gostaria de assinar”, disse. Rodrigo Almeida, professor do Instituto de Química, disse que os colegas estão em dúvida sobre o preenchimento dos

formulários de autodeclaração. E questionou a imposição de metas e avaliações aos servidores num momento em que estão todos afetados pela situação de pandemia e trabalhando em ambiente doméstico. Convidada a participar da reunião, a pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo, respondeu que não houve tempo de passar a regulamentação pelo Consuni, em função da pressão do Ministério da Economia. A dirigente enfatizou que os formulários não devem ser enviados para a PR-4, mas ficam guardados nas unidades. “A PR-4 só quer o quantitativo geral. Os dados são sigilosos”, afirmou. Ela destacou que a administração central aguarda sugestões de mudança do documento até o dia 15 e que seu conteúdo deve ser revisto por um grupo de trabalho.

Eleonora Ziller reforçou que AdUFRJ e Sintufrj já orientam

que ninguém pode ser considerado a fornecer informações sobre sua saúde, por força de lei. A presidente da AdUFRJ anunciou que poderá ser marcado um novo encontro dos conselheiros, na semana seguinte ao Consuni, para reavaliação do tema.

INSALUBRIDADE

A advogada Ana Luisa Palmisciano divulgou as medidas da AdUFRJ para evitar qualquer corte dos benefícios dos professores pela Instrução Normativa 28 do Ministério da Economia. A normativa orienta cortes de adicionais ocupacionais e auxílio-transporte dos servidores que estão trabalhando remotamente. A assessora jurídica contou que a associação docente e o Sintufrj ajuizaram uma inédita ação conjunta, quinta passada (7), na Justiça Federal. Uma das alegações é que o período do trabalho em casa, forçado pela

pandemia, deveria ser considerado como de efetivo exercício. Após o ajuizamento da ação, a reitoria divulgou uma nota à comunidade informando que preservaria os benefícios por mais um mês.

CONVITE AO ISM

No início da reunião, os diretores Josué de Medeiros e Christine Ruta informaram os conselheiros sobre as atividades que a AdUFRJ está preparando, em conjunto com o Observatório do Conhecimento, para celebrar um ano da grande manifestação de 15 de maio de 2019. Josué lembrou que o evento foi o único grande abalo que a esquerda conseguiu impor ao governo Bolsonaro. Christine observou que haverá produção de vídeos, tuitos, projeções temáticas e painéis. E convidou todos os professores a participarem da iniciativa.

SEXTOU

ELES ESTAVAM ENTRE NÓS

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

“Os nazistas não chegaram em um disco voador. Eles estavam entre nós”. A célebre constatação da filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) foi relembrada pela professora Maria Paula Araújo, do Instituto de História, no último “Tamo Junto”. O bate-papo virtual, sempre com um tema diferente, é organizado de todas as sextas-feiras pela AdUFRJ. No encontro de 8 de maio, a professora de história contemporânea traçou paralelos entre o surgimento do fascismo na Alemanha nos anos 20 e 30 e o Brasil de hoje.

Para Maria Paula, “é consen-

sual, na historiografia marxista, que o fascismo em parte cresce porque ninguém o enfrenta”. No Brasil atual, a docente acredita que a eleição de Bolsonaro só foi possível porque a esquerda não se uniu com candidatos capazes de derrotá-lo. “É bem trágico porque, como na década de 20, nem os comunistas nem a social-democracia se preocupavam. Não viam perigo no fascismo e sabemos o que aconteceu”, explicou.

Outro aspecto abordado pela professora foi o período posterior a regimes autoritários. Chamou atenção para o fato de que as Forças Armadas do Brasil nunca pediram perdão pela ditadura militar, o que dificulta o estabelecimento de uma memó-



ria coletiva negativa sobre aquele regime. Bem diferente do que ocorreu na Alemanha pós-nazismo. “Berlim parece que é uma

holocausto como algo ruim, e a gente aqui não conseguiu”, afirmou. “A maior luta atualmente ainda é o reconhecimento de que a ditadura foi um erro”.

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, fez a mediação do debate: “Querendo ou não, a ditadura tinha um projeto de nação, como também tinham o nazismo e fascismo”, disse. “Nesse ponto, é mais fácil fazer um paralelo. Hoje não tem nenhum projeto sustentando; é um arremedo do que a proposta nazista falava”.

TAMO JUNTO

Apesar do isolamento social, os professores da UFRJ ainda podem sentir o gostinho da troca de ideias que caracteriza a universidade. Toda sexta-feira, no fim da tarde, a AdUFRJ promove o encontro virtual “Tamo Junto” com um tema definido previamente.

LIVE: UFRJ DEBATE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Está marcado para a próxima segunda-feira, dia 18, o debate virtual “Tecnologia e educação – Reflexões em tempos de pandemia”. A atividade faz parte do ciclo de palestras promovido pelo Soltec, núcleo interdisciplinar que nasceu a partir da mobilização de estudantes e professores da Escola Politécnica e que hoje integra o NIDES, do CT. A transmissão ao vivo começa às 15h na canal do Soltec no Youtube: youtube.com/soltecfufrj. As convidadas para a palestra virtual são a presidente da AdUFRJ e professora da Faculdade de Letras, Eleonora Ziller; a coordenadora geral do Diretório Central dos Estudantes, Natália Borges; e Luana Bonone, diretora da Associação de Pós-graduandos (APG).

NOTAS

ADUFRJ PARTICIPA DE REUNIÃO VIRTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, foi convidada a participar de uma reunião do Conselho Departamental da Educação Física, na terça-feira, dia 12. O encontro mobilizou aproximadamente 100 pessoas, entre docentes e técnicos, e discutiu a portaria da reitoria sobre trabalho remoto. Eleonora tirou dúvidas, informou sobre a ação judicial da entidade contra a Instrução Normativa nº 28 e orientou os colegas a apresentarem propostas de revisão da portaria, elencando as especificidades do trabalho naquela unidade. “Foi muito emocionante ver o alto grau de mobilização e comprometimento da Educação Física, tanto de jovens professores, como de veteranos e amigos de longa data”, disse.

Artigo

PROFESSORA FERNANDA CARVALHO DE QUEIROZ MELLO
(Diretora Executiva)

PROFESSOR ALEXANDRE PINTO CARDOSO
(Diretor Adjunto de Saúde)

SR. ROBERTO GAMBINE
(Diretor Adjunto Administrativo)

O INSTITUTO DE DOENÇAS DO TÓRAX E A COVID 19

Na edição nº 1.127 do Jornal da AdUFRJ, de 06 de maio de 2020, em matéria na página 4, a reportagem, ao comentar sobre os pneumologistas, omite a existência do Instituto de Doenças do Tórax (IDT), unidade que compõe a estrutura acadêmica e assistencial do Complexo Hospitalar da UFRJ. Ademais, ao informar que 47,8% dos pneumologistas estão “fora do hospital”, induz ao pensamento de que os profissionais de saúde do IDT não estão atuando no combate à COVID 19, em conjunto com o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF).

Por isso, esclarecemos que o Instituto de Doenças do Tórax (IDT), fundado em 24 de outubro de 1957, sob a designação de Instituto de Tisiologia e Pneumologia (ITP), integra a estrutura da UFRJ como uma Unidade

Suplementar, denominação das unidades hospitalares da UFRJ. O Instituto sempre foi referência no diagnóstico e tratamento das doenças pulmonares, e promove atividades de pesquisa, de graduação, pós graduação e extensão nas áreas de Pneumologia, Tisiologia e Cirurgia Torácica, tendo sido responsável pela formação de várias gerações de pneumologistas e cirurgiões torácicos desde quando situado no Complexo Hospitalar São Sebastião, no bairro do Caju.

Em 2000, o IDT foi transferido para área do prédio do HUCFF ocupando espaço diferenciado sob sua responsabilidade. Com verbas governamentais projetou, construiu e gerencia o ambulatório de Tisiologia Newton Bethlem, localizado em prédio externo ao HUCFF.

Nos espaços que gerencia no interior do HUCFF, o IDT se comporta como uma Unidade Funcional com atividade integrada Docente, Assistencial e Administrativa, compartilhando as unidades

fechadas, como o Centro Cirúrgico, as Unidades de Terapia Intensiva e Emergência, o setor de Radiodiagnóstico e o Laboratório de Análises Clínicas.

Nos andares e setores ocupados pelo IDT, temos serviços de excelência voltados para o atendimento às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS) de forma integrada ao HUCFF, a saber: Laboratório de Micobactérias, Laboratório de Avaliação Funcional, setor de Endoscopia Respiratória, Ambulatórios de Pneumologia Geral e Especializados para as áreas de Oncopneumologia, Hipertensão Pulmonar, Fibrose Pulmonar, Asma Grave, Bronquite Crônica e Enfisema Pulmonar, Setor de Tele Medicina, cuja importância agora assume características exponenciais, e Unidades de Pesquisa Clínica.

No Ambulatório de Tisiologia Newton Bethlem, são atendidos portadores de Tuberculose e outras Micobacterioses Não Tuberculosas. Somos referência para pacientes portadores de Tuberculose que

foram infectados por bacilos resistentes aos fármacos usuais, e também para aqueles com doenças associadas e com intolerância aos medicamentos habituais. Todo o cuidado é conduzido com visão multidisciplinar, em um ambiente ricamente produtivo em pesquisas de ponta e atendimento.

No que tange à Pós Graduação, preenchemos todas as vagas para a residência em Pneumologia, e nossos pesquisadores contribuem com seus projetos e publicações com o programa de Pós Graduação da Faculdade de Medicina / setor Clínica Médica - programa nível 7 da CAPES.

Portanto, o IDT congrega os médicos pneumologistas e cirurgiões de tórax, que atuam na assistência de natureza diagnóstica, preventiva, curativa ou paliativa e de reabilitação dos usuários do SUS, acometidos por doenças do tórax, de forma integrada às linhas de cuidado do HUCFF, de tal sorte que toda a atenção a esta área de atuação esta sob nossa responsabilidade.

Em 2020, o IDT, por meio da ação dos seus profissionais, tem atuado diariamente na assistência aos portadores de doenças respiratórias, e em parceria plena com o HUCFF, tem participado diretamente no combate à COVID 19. Infelizmente, por estarem na linha de frente, vários profissionais do IDT tiveram afastamentos decorrentes ao adocimento por COVID 19. E como ainda não recebemos nenhum profissional de saúde, por meio de contratação de empresa durante a pandemia, não nos foi possível ampliar a atuação no combate à COVID 19.

Por fim, o IDT reafirma seu compromisso com a saúde pública de nosso país, e em particular, nesta pandemia.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO AINDA SOFRE COM FALTA DE PESSOAL **Página 4**

JORNAL DA ADFURJ
#OrgulhoDeSerUFRJ

QUARTA-FEIRA, 6-5-2020

AdUFRJ

Nº 1127 - 6 de maio de 2020 - www.adufrrj.org.br - TV ADUFRJ: youtube.com/adufrrj

EDUCAÇÃO NÃO TERÁ CONGELAMENTO

#OrgulhoDeSerUFRJ

Hospital Universitário ainda sofre com falta de pessoal

> HU ainda enfrenta dificuldades para contratar profissionais - médicos e técnicos de enfermagem - para repor os que são infectados pela Covid-19 e abrir novos leitos

SILVANA SA
silvana@adufrrj.org.br

maior hospital da UFRJ, o Clementino Fraga Filho ainda enfrenta problemas para a abertura de novos leitos destinados à Covid-19. A unidade tem capacidade para oferecer mil e oitocentos leitos, mas atualmente só possui 100 leitos em funcionamento, sendo 40 de enfermagem e 60 de terapia intensiva. Na última terça-feira, 5, foram abertos oito leitos de UTI com profissionais temporários que começaram a chegar ao hospital. Mais da metade dos leitos destinados à Covid-19 ainda está fechada à espera de pessoal.

A emergência já atua acima do limite da capacidade. “Enfrentamos muitos problemas na emergência. Pacientes chegam em número cada vez maior e temos esse gargalo que só vai ser resolvido na medida em que novos leitos forem abertos”, conta o diretor do Complexo Hospitalar e ex-diretor do HU, Leônicio Feitosa.

Segundo dados obtidos pela reportagem a partir do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde, o Clementino conta com 1.044 médicos. Desse, 157 estão cedidos a outras unidades. Entre os pneumologistas, uma das especialidades mais requisitadas para o tratamento da Covid-19, há 23 diretamente ligados ao HU, sendo 47,8% cedidos ao Instituto de Doenças do Tórax ou aposentados de acordo com o Portal de Transparência. No IDT ainda estão outros 17 do quadro da UFRJ. Eles atuam em conjunto com a clínica médica no HU, mas a equipe enfrenta problemas com 16 profissionais - entre médicos, residentes e técnicos - afastados por Covid-19. A diretora do instituto, professora Fernanda Mello, não soube precisar quantos pneumologistas de sua equipe atuam na UTI. “Não estamos iminentemente situação

O Brasil não conhece o Brasil nunca foi Tapi, jabuti, liana, a O Brasil não mere O Brasil tá matando Sertões, guimaraes Do Brasil S.O.S. a O Jobim, sabiá, b Madureira, Olari Cascadura, Agui Ipanema e Nova Do Brasil S.O.S. Do Brasil S.O.S.

na Covid porque não podemos deixar de atender esses pacientes crônicos e os doentes que continuam chegando com outras doenças respiratórias”, justificou. Alberto Chebabo, diretor médico do HU, informou que, além dos pneumologistas, as principais especialidades médicas destinadas para atuar em casos de coronavírus são anestesiologistas, intensivistas, infectologistas, clínicos e nefrologistas. Ocorre que, dos 887 médicos que não estão cedidos, apenas 33% atuam nessas especialidades. “Também devemos considerar que, hoje, dois terços dos pacientes internados no hospital são não Covid”, diz. O médico afirma que os profissionais estão chegando, ainda em ritmo lento, mas que já começam a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de ritmo lento, mas que já começou a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalecimento de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessora de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através do Rio de Janeiro, até o momento, disponibilizou 496 novos profissionais de diferentes especialidades. Desse, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas para serem preenchidas.

Há um grande número em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO
Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, aconteceu por meio de um edital de

Reitoria cancela efeitos da portaria do trabalho remoto

> Medida foi anunciada pelo vice-reitor após Consuni virtual. Em nota AdUFRJ criticou Portaria

KELVIN MELO E
ANA BEATRIZ MAGNO
comunica@adufrj.org.br

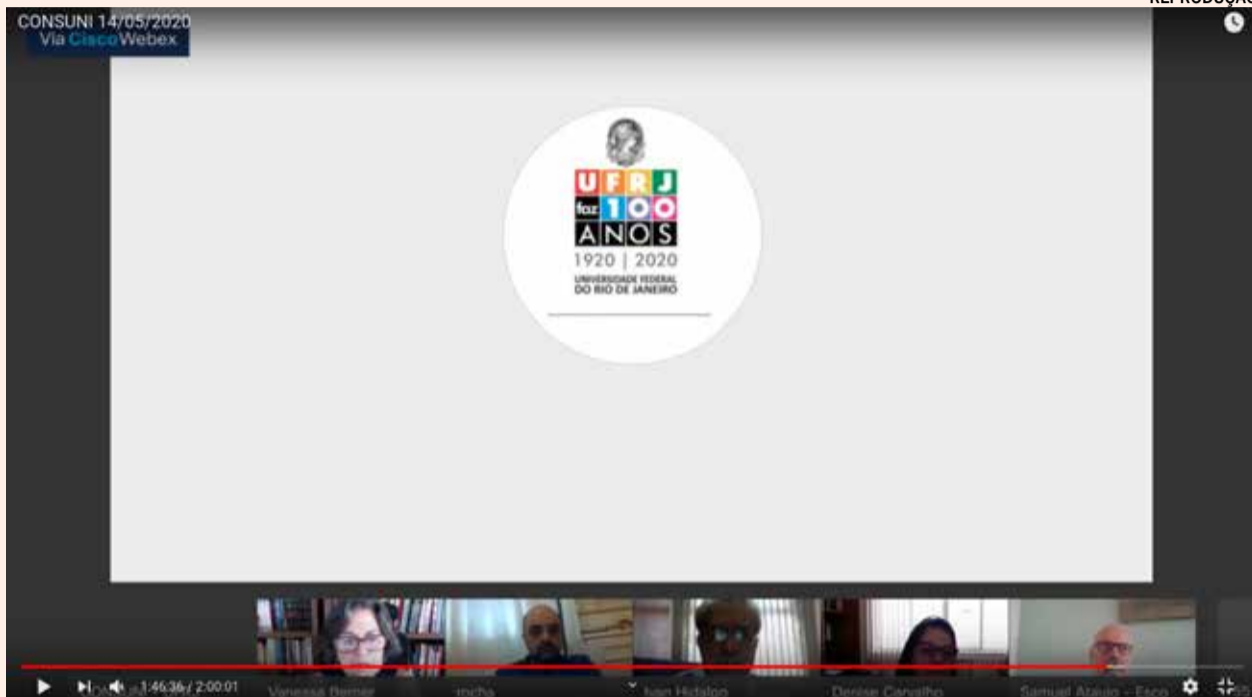
A reitoria suspendeu os efeitos da portaria nº 3.188, do trabalho remoto, e ampliou o período para o recebimento de propostas de mudança na regulamentação. A mudança foi anunciada no final da reunião virtual do Conselho Universitário, na quinta-feira, 14, pelo vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha, em entrevista ao **Jornal da AdUFRJ**. “O prazo para a apresentação de sugestões estava previsto para dia 15. A reitora Denise Pires de Carvalho, informou que o prazo será ampliado para 24 horas depois da próxima reunião do Consuni, ainda sem data fechada, mas com previsão para a semana que vem”, explicou o vice-reitor.

As mudanças ocorreram depois de intensas críticas das representações de professores, técnicos e estudantes, preocupados com o caráter impositivo da portaria, definida sem discussão prévia na comunidade. No início do Consuni, a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, manifestou ao colegiado as preocupações dos docentes por meio da leitura de uma nota. “Não podemos minimizar o fato de que os novos processos de controle e de avaliação do trabalho realizado na universidade, ao serem introduzidos por um governo que tem se colocado de

forma clara como um inimigo da ciência e da educação, gera insegurança e desconfiança por parte do corpo social”, disse. Ainda de acordo com o documento — disponível abaixo, na íntegra — a associação cobrou a suspensão “dos efeitos dessa portaria até que seu conteúdo ganhe forma definitiva e seja aprovado nos colegiados superiores”. A presidente da AdUFRJ também informou sobre a ação conjunta com o Sintufrj, em tramitação na Justiça Federal, para evitar os cortes determinados pelo Ministério da Economia para quem exerce o trabalho remoto. Coordenadora geral do Sintufrj, Neuza Luzia também criticou o documento. “Temos de registrar que a reitoria, de fato, não retirou o benefício dos servidores, mas a portaria nº 3.188 causou muitas inseguranças”, afirmou.

De acordo com Neuza, a regulamentação pode causar prejuízos para docentes e, principalmente, para os técnicos-administrativos. A representante considerou “precipitada” a portaria e que seria necessário “colocar essa discussão no pátio correto”.

A reitora Denise Pires de Carvalho deixou claro que a portaria está aberta às críticas, mas que não há como modificar Instruções Normativas ou leis do governo e do Congresso. A professora ressaltou que o objetivo da administração central é garantir direitos, não retirá-los e considerou uma “perversidade” a orientação de



REPRODUÇÃO

corte do governo. A dirigente ressaltou que foi divulgada uma nota que preserva os benefícios dos servidores da UFRJ até a próxima folha. “Não há nenhuma falta de tranquilidade. Não há instabilidade”, concluiu.

UM MINUTO DE SILÊNCIO

O tema principal da sessão do Consuni foram as ações da universidade no combate à pandemia. Também houve a divulgação de atividades institucionais que não pararam durante a quarentena. Todos as decanias, direções dos campi de Macaé e Duque de Caxias e pró-reitorias fizeram breves relatos que deram uma mostra do protagonismo da UFRJ na crise atual. “Temos feito reuniões de uma hora, duas horas, todos os dias. São milhares de ações que eu não

conseguiria dar conta aqui em cinco minutos”, afirmou o coordenador do Grupo de Trabalho multidisciplinar da universidade contra o coronavírus, professor Roberto Medronho. Durante a sessão, foi observado um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da Covid-19, dentro e fora da instituição. Em resposta aos questionamentos de alguns conselheiros, a reitoria também observou que o calendário acadêmico continua suspenso. E reafirmou que atividades virtuais não se confundem com educação a distância e não substituem as aulas presenciais. “A reitoria tem o compromisso de que nada será decidido com relação ao calendário sem discussão e aprovação nos colegiados superiores”, disse. Pró-reitor de Planejamento e

Finanças, o professor Eduardo Raupp compartilhou na reunião uma informação preocupante: uma parte significativa do orçamento da universidade relativa a custeio e pessoal ainda não foi votada no Congresso.

APOIO À FIOCROZ

Ao final do encontro virtual do colegiado, o Consuni aprovou uma moção de solidariedade à Fiocruz, proposta pelo professor Samuel Araújo, que representa os Titulares do Centro de Letras e Artes. A nota busca preservar o trabalho daquela instituição e de sua presidente, Nísia Trindade, “em face dos ataques obscurantistas que buscam impedir que a comunidade científica assuma o devido protagonismo no combate à pandemia causada pela Covid-19”.

NOTA DA DIRETORIA AO CONSUNI

Estamos num dos momentos mais delicados e complexos de nossa história. Por um lado, a pandemia provocada pelo Coronavírus nos obriga a uma experiência de confinamento inédita, por outro, a presidência da república coloca em xeque de forma sistemática todos os limites da vida democrática brasileira, desconsiderando também todas as evidências mundiais de que será esse confinamento que irá reduzir os estragos causados pela covid-19. Esse cenário nos obriga a ver e viver o Brasil num grau altíssimo de tensionamento, exigindo de cada um e das instituições públicas um forte sentido de resiliência. A ausência do convívio e dos encontros presenciais altera profundamente nosso modo de sentir e de enfrentar problemas que antes seriam nossos velhos conhecidos. É nessa conjuntura, com todas as suas dificuldades, que nos foi encaminhada uma portaria que visa não só regular

nosso trabalho remoto durante a pandemia, mas também criar as condições legais e institucionais para que se torne também uma modalidade de trabalho daqui para frente. Até aqui conseguimos agir com firmeza, apesar do terreno pantanoso que caminhamos, porque as intenções do governo em suas inúmeras portarias e instruções normativas são muito claras: reduzir gastos com o servidor público, encolher a máquina estatal e enfraquecer o papel das instituições universitárias na vida brasileira.

Por parte da reitoria, temos experimentado uma outra relação. Sempre que solicitamos encontramos a porta aberta ao diálogo e as suas ações têm sido no sentido de garantir o pleno funcionamento da universidade para que ela cumpra com suas obrigações, embora ainda precisamos aprimorar modos de deliberação e participação mais efetivos, que envolvam a comunidade e incorporem a participação de

todos desde o início do processo. Exatamente por isso, entendemos que a condução das ações que visam à implantação da portaria 3188, que trata do trabalho remoto para docentes e servidores precisa ser tratada com mais atenção. Entendemos a urgência a que estamos obrigados, mas é necessário que haja uma adequação da orientação geral, pois se há um prazo até o dia 15 de maio, quando a reitoria receberá contribuições para o aprimoramento de seu texto, é urgente que tenhamos com isso a suspensão dos efeitos dessa portaria até que seu conteúdo ganhe forma definitiva e seja aprovado nos colegiados superiores, caminho natural de uma deliberação desse porte.

Já realizamos estudos preliminares e estamos consolidando as nossas contribuições para que até amanhã elas possam ser entregues. Acreditamos que haja entre nós maturidade e senso de responsabilidade para

compreendermos que há limites de tempo e que isso exigirá de nós celeridade e disponibilidade para a sua execução. Não podemos minimizar o fato de que os novos processos de controle e de avaliação do trabalho realizado na universidade, ao serem introduzidos por um governo que tem se colocado de forma clara como um inimigo da ciência e da educação, gera insegurança e desconfiança por parte do corpo social, trazendo consigo uma carga excessiva de formulários e dispositivos de controle muito maiores do que os que existem em tempos normais, e que são completamente estranhos à cultura universitária.

Não é à toa que a principal crítica com a qual nos deparamos nas diversas reuniões realizadas foi a imediata identidade entre o texto da portaria da UFRJ com o das Instruções Normativas 19 (IN 19) e 21 (IN 21), editadas pelo Ministério da Economia. Isso gera um sentimento de que

há uma confluência também na ação política. Acreditamos que podemos fazer melhor, eliminando as dúvidas e aprimorando os nossos instrumentos. Estamos entrando de forma inédita com uma ação conjunta das assessorias jurídicas da AdUFRJ e SINTUFRJ, que impetraram mandado de segurança no sentido de suspender os efeitos da IN 28. A criação de um Fórum de todas as entidades da UFRJ também é um importante sinal de que é possível construir e fortalecer uma nova cultura política, fundada na solidariedade e na união de todos nós, comprometida com a resolução dos problemas que enfrentamos. Por isso saudamos a realização desta reunião, e desejamos que em muito breve isso signifique o pleno funcionamento do nosso órgão máximo, pulmão de nossa vida democrática - ela é a prova de que a nossa centenária universidade está viva e em condições de enfrentar esse desafio.